



**POPULISMOS: RELAÇÕES DE PODER E CULTURA POLÍTICA NA
HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
AMÉRICA LATINA DOS ANOS 30 AOS DIAS DE HOJE.**

Pedro Henrique Campello Torres¹

Editor da Revista de História do Tempo Presente – História Agora

Resumo: O presente artigo aborda o polêmico termo *Populismo*. Apesar de suas ramificações internacionais, o tema central são as apropriações, os usos e abusos em relação à história recente da América Latina: de 1930 aos dias de hoje. O assunto, mesmo tendo sido muito trabalhado, ainda não ganhou um estudo criterioso e definitivo. A palavra, que por ora se torna conceito, continua sendo empregado de maneiras distintas em diferentes partes do mundo e com semânticas completamente variáveis, desde seu aparecimento registrado na Rússia do final do século XIX. Entretanto, não acredito que devemos banalizar o uso do termo, reduzindo sua interpretação a uma ausência de teor explicativo. Pelo contrário, devemos atestar relevância a um conceito que detenha tamanho impacto sobre os agentes sociais durante uma temporalidade longa. Entendê-lo e explicá-lo é difícil, mas esse será o desafio.

Palavras Chaves: Populismo; América Latina; Tempo Presente

Populisms: Powers Relations and Politic Culture in the Present Time History: Latin America from years 30 until nowadays.

Abstract: The present article discusses the controversy term 'Populism'. In spite of its international ramifications, the main subjects are its appropriations, uses and on a certain scale abuses when relates to recent history of Latin America: from 1930 until nowadays. Even though the concept of Populism has been extensively studied, the subject never had a criterious and definitive study. Since its appearance in Russia by the end of 19th century, the word, often seen as a concept, is still being used in different ways on different parts of the world and with completely variable semantics. However, I believe we should not banalize the use of the term, reducing its interpretation to a lack of explanation. On the contrary, we should emphasize the relevance to a concept that has significant impact over the social agents during a long period of time. Understanding and explaining populism is a hard task, but this will be the challenge to be faced.

Key Words: Populism; Latin America; Present Time

¹ Historiador, Mestre (UFRJ) e Doutorando em Ciências Sociais pela PUC-Rio. Editor da Revista de História do Tempo Presente – História Agora (www.historiagora.com), Rio de Janeiro, Brasil.



Não importa qual seja a escolha realizada; escrever sobre o populismo no Brasil será sempre um risco... o texto será alvo fácil para críticas de todas as espécies.
(GOMES)²

O objetivo deste artigo é contribuir com a discussão acerca do Populismo. O tema já parece um pouco desgastado e a recorrente insistência no debate sobre o assunto obriga-me a esclarecer aos leitores algumas questões que considero relevantes. A primeira constatação é a de que não há estudos definitivos sobre o assunto, seja para defender o termo quanto para negá-lo. Nas recentes publicações (década de 80 em diante), temos visto que hora o conceito aparece, hora desaparece – sem maiores explicações teóricas ou metodológicas para sua ausência ou permanência.

Adianta ao leitor que me causa estranhamento um conceito que abrange temporalidades e conjunturas tão distintas. Mas o fato de ele perdurar, inclusive internacionalmente, é o que mais me chama atenção. Como ignorar um conceito que permanece na *boca* dos atores históricos? De nada adianta falarmos que o conceito é *vazio*, que não é explicativo e que dificulta a compreensão de um determinado objeto, se para os atores sociais ele continua sendo identificado e reconhecido, portanto, existindo.

Constantemente, o conceito de populismo vem sendo empregado para designar sistemas de governo, estilos de governos, períodos de governo, discursos e propostas populistas, além de perfis de líderes políticos. A mídia, hoje mais do que a academia, recorre à expressão sempre que precisa fazer referência a algum governo de caráter mais popular, ou que se diz mais popular, como nos casos recentes dos presidentes Lula, Chávez, Morales, Rafael Correa, Daniel Ortega, além de Humala – derrotado recentemente em eleição no Peru – e Obrador – também derrotado no México.

No caso da recente política brasileira, o casal Garotinho, que governou o estado do Rio de Janeiro entre 1998 e 2006, invariavelmente também era taxado pelos jornais com a expressão “populistas”, tanto por seus atos e discursos políticos, como por seus projetos sociais.

2 GOMES, Ângela de Castro. O Populismo e as Ciências Sociais no Brasil: Notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, Jorge. (Org) **O Populismo e sua história – debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

Ainda sobre o ex-governador do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho, o jornal *Folha de S.Paulo* publicou a seguinte matéria durante as eleições de 2002:

A trajetória política de Anthony Garotinho, empatado tecnicamente em segundo lugar na campanha presidencial, não tem precedentes históricos no Brasil. Seu êxito se associa a práticas populistas clássicas combinadas à inserção no movimento social que mais cresce no país, o evangélico". (...) A combinação de religião com populismo para defini-lo já gerou vários neologismos, como teopopulismo, populismo pentecostal, populismo fundamentalista.³

Recentemente, na cidade de Cartagena, Colômbia, o escritor português José Saramago, deu mais uma mostra de que o termo vem sendo constantemente utilizado pelos jornalistas. Perguntado se acreditava que o governo de Hugo Chávez poderia ser caracterizado de *populista*, Saramago respondeu:

Não me parece que Chávez seja populista. Isso é um termo pejorativo para alguém que se preocupa diretamente e sem nenhum fingimento com a melhora de classes que durante gerações e gerações não saíram da miséria. O presidente Chávez é criticado muitas vezes por aquilo que chamam de populismo. Aceitando isso como uma possibilidade, é preciso perguntar o que é ser não populista, como chamar a alternativa.⁴

Contudo, o conceito que aparentemente povoa o imaginário de uma cultura política mais à esquerda, também tem seu espaço, quando se faz necessário, na direita. O respeitado jornal *Le Monde Diplomatique* publicou em texto de Tom Frank “A América que vota em Bush”, sobre o atual presidente dos Estados Unidos, em que o autor faz o seguinte comentário:

Bush também é o homem que invoca sua “fibra populista”, o que faz por um único motivo: o “desprezo” com que são tratados a sua terra e seus compadres texanos pelos pretensiosos manda-chuvas da Costa Leste.⁵

3 "Religião e mídia são a base de neopopulismo", copyright *Folha de S. Paulo*, 07/04/02.

4 Agência EFE 12/07/2007 - 01h39 - Atualizado em 12/07/2007 - 03h50.

5 Edição Mensal *Le Monde Diplomatique* – Fevereiro de 2004. A edição mensal do *Le Monde*, já havia em abril de 1996 lançado um artigo assinado por Serge Halimi cujo o título era “Elites américaines en campagne, Le Populisme, voilà l’ennemi!”, nele o *perigo* populista beneficia as elites dos Estados Unidos, não as camadas mais populares.



Para o jornalista, o populismo de mercado (?) que prevaleceu na década de 90, não teria mais chance nos dias de hoje,

Em tempos difíceis, a comercialização do populismo de mercado torna-se mais delicada. Passa, então, a ceder espaço, como vem ocorrendo agora, ao velho “populismo” revanchista, com sua lista de recriminações aos “esquerdistas” – não devido à sua falta de fé no mercado e, portanto, na democracia, mas porque teriam imposto todo tipo de monstruosidades culturais ao povo tranqüilo dos grotões dos Estados Unidos.⁶

Uma primeira questão que me vem à cabeça é: o que há em comum entre todos esses líderes políticos de países e partidos com características tão distintas? Uma segunda questão que poderíamos nos fazer é: o que tais governos teriam em comum com os governos chamados de populistas na América latina, entre a década de 30 e 60?

Segundo Maria Lígia Prado, o populismo latino-americano tem sido bastante estudado, a partir da década de 50, por acadêmicos – sociólogos e cientistas políticos. A autora atenta para o fato de que, desde o início, o termo gerou controvérsias e que “há fenômenos históricos muito diversos no tempo e no espaço denominados populistas”.⁷

Ou seja, o termo engloba muitas experiências, práticas e fenômenos distintos no tempo e no espaço. O principal efeito disso é tirar o teor explicativo do termo, já que dificilmente situações históricas tão distintas apresentam características semelhantes.

Para se ter uma idéia, foram chamados de populistas, momentos e personagens históricos na África, Ásia, Europa do Leste, Rússia e Estados Unidos, além da América Latina. Para um bom exemplo da diferença do uso da expressão populismo, cabe recorrer aos casos dos EUA e da Rússia. Se nos Estados Unidos da América, por exemplo, um partido populista era um partido que representava os interesses de pequenos proprietários agrícolas do Oeste, os quais lutavam contra a chegada do capitalismo ao campo, no caso Russo, o movimento conhecido como *narodniki*⁸ negava o capitalismo e também valorizava a agricultura e os camponeses. Pretendia-se

6 Idem.

7 PRADO, Maria Lígia. **O Populismo na América Latina. (Argentina e México)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

8 *Narod* em russo quer dizer povo. Para a explicação e citação do caso russo, ver HILL, Christopher. **Lênin e a Revolução Russa**. Rio de Janeiro, Zahar, 1967.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

revolucionário, e diferente do modelo americano, não era um partido – pregava ações armadas.

Na academia, o debate continua intenso, e ainda hoje não existe uma definição e uma resposta para o caso. Retomando um pouco o debate historiográfico para o caso Latino Americano, em Ernest Laclau, “o populismo surge historicamente ligado a uma crise do discurso ideológico dominante que é, por sua vez, parte de uma crise social mais geral”.⁹

Outra interpretação, a dos sociólogos argentinos Gino Germani e Torcuato di Tella, parte do pressuposto de que o populismo ocorre numa situação de transição, na passagem de uma sociedade tradicional – agrária, pré-capitalista e atrasada – para uma sociedade moderna, capitalista, urbana e industrial. Essa interpretação já se diferencia dos modelos russos e americanos, pois o movimento não é agrário e camponês; pelo contrário, é urbano, de uma sociedade de massas, camadas médias e setores da burguesia.

Para Maria Helena Capelato,

Nos anos 1930, as teses favoráveis à construção de um Estado com capacidade para planejar/dividir/organizar o desenvolvimento econômico e intervir nos conflitos sociais e políticos ganharam terreno(...) Mesmo governantes contrários ao nazi-fascismo procuraram introduzir em seus países um Estado forte, promotor da legislação social e mediador dos conflitos sociais, tendo à sua frente um líder carismático em contato direto com as massas. Alguns dos regimes da América Latina adotaram essa política, denominada populista por muitos autores.¹⁰

Tentar aproximá-los a partir de uma definição ideológica será muito difícil. Outras tentativas também serão, a meu ver, frustradas. Como hoje, os líderes citados, como Chavez e Morales, não querem o rótulo, que já possui sentido pejorativo. Mesmo que as virtudes de seus governos sejam o caráter de priorizar as questões sociais e das populações mais pobres.

Para a autora,

9 PRADO, Maria Ligia. **O Populismo na América Latina. (Argentina e México)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981

10 CAPELATO, Maria H.R. In: FERREIRA, Jorge (Org). **O Populismo e sua história. Debate e crítica**. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2001, p. 128.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

agrupar os diferentes personagens e movimentos e defini-los a partir de um mesmo conceito implica a homogeneização de políticas muito distintas, como por exemplo, a de Vargas no Brasil, Cárdenas no México e Perón na Argentina. Seria impossível apontar, as diferenças existentes entre os casos mencionados (alguns deles são tão dispares que seria difícil encontrar aspectos comuns) para questionar a validade ou não do conceito de populismo.¹¹

No Brasil, o primeiro intelectual a utilizar o conceito de populismo foi o sociólogo Hélio Jaguaribe, ainda na década de 50. Para historiadora Ângela de Castro Gomes,¹² a geração de 50, que vivia ainda a “infância da academia no Brasil”, tinha como eixo central a discussão de problemáticas sobre as estruturas do poder nacional. Para o Brasil, a questão principal era discutir os efeitos do surgimento do populismo com Getúlio Vargas, em 30, e sua crise, a partir de 54.

É interessante o diálogo do capítulo de Ângela de Castro Gomes com o capítulo escrito por Daniel Aarão Reis na mesma coletânea. Aarão entende que desde o final da década de 40 uma *tradição trabalhista* se formava incomodando os setores conservadores, “constituiu-se no quadro do processo de urbanização e de industrialização, e se caracterizava por um programa nacionalista, estatista e popular. (...) Uma tradição, porém, forjada ao longo dos anos, legitimara aquele protagonismo que tanto incomodava: *a tradição trabalhista.*”¹³

Para o autor, portanto, essa tradição encarnada, sobretudo em setores do PTB, entre elas, João Goulart, Getúlio Vargas, Leonel Brizola, Hugo Borghi, entre outros, era encarada como inimiga pelas forças conservadoras que pretendiam destruí-la.

Foi assim que do trabalhismo se fez o populismo”. “O termo, a rigor, surgira nos anos 50, mais uma arma do que um conceito, esgrimida com o sentido de estigmatizar movimentos sociais e lideranças políticas. No entanto, círculos mais sofisticados começaram a fazer uso da palavra como ferramenta conceitual para compreender a crescente participação das massas na política nacional e a importância de determinadas lideranças carismática, seu estilo de fazer políticas, de mobilizar vontades, de ganhar votos.¹⁴

11 Idem.

12 GOMES, Ângela de Castro. O Populismo e as Ciências Sociais no Brasil: Notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, Jorge. (Org). *Op.cit.*

13 REIS, Daniel Aarão. O Colapso do Colapso do Populismo. In: FERREIRA, Jorge. (Org) *Op. cit.*

14 Idem.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

No caso brasileiro havia uma clara necessidade, ainda na década de 60, de se explicar o porquê do fracasso de um possível dispositivo de defesa do então presidente João Goulart. O que havia acontecido com o grande Partido Comunista? O que havia acontecido com os sindicatos? Com as Ligas Camponesas? Com as alas progressistas das Forças Armadas?

Para alguns autores, a resposta veio rápida. Era simples. O populismo havia cooptado e de certa maneira acalmado as massas. Elas teriam sido manipuladas e estavam despolitizadas. O populismo teria tirado a consciência revolucionária das massas, entregues a manipulação política e aos benefícios pequeno-burgueses oferecidos pelos governos trabalhistas.

Daí a famosa máxima da *Crise do Populismo* atribuída ao presidente Goulart. O governo Vargas seria a representação da construção e solidificação do populismo. O governo Goulart, com seu “fracasso” de conscientização das massas, sobretudo para defender a legalidade perante o golpe civil-militar de 64, era o representante de seu fracasso. Entretanto, sabemos que devemos fugir de interpretações simplistas como essa.

Com um artigo publicado no final da década de 60 – publicado em livro na década de 70 – o pensamento que certamente mais influenciou a reflexão sobre o fenômeno do populismo foi o de Francisco Weffort.¹⁵ Sua formulação a respeito do populismo, tanto como estilo de governo ou como política de massas influenciou grande parte da Academia, sobretudo nos anos 70 e 80.

Para Weffort, o populismo foi, e continua sendo, portanto, categoria explicativa do funcionamento de um período histórico brasileiro – e também da América Latina: “O regime populista”, “a república populista”, “a democracia populista”, entre outros, entendido como manipulação das massas por líderes políticos demagógicos ou na sua versão mais refinada, como expressão de um “compromisso” em época de transição e/ou “crise de hegemonia”.

Voltando às interpretações de Jaguaribe e Weffort, vale lembrar que elas são formuladas em contextos totalmente distintos. E que, apesar de forte semelhança em

15 WEFFORT, Francisco. **O Populismo na Política Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. O texto de Weffort, juntamente com o livro “O Colapso do Populismo” de Octavio Ianni, são os mais citados em trabalhos e análises sobre o tema.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

suas análises, há também diferenças. Para Jaguaribe, é a ideologia do desenvolvimento nacional que dará consistência às classes sociais para ação organizada. Para Weffort, a ideologia do desenvolvimento nacional é mais um ingrediente do esforço populista de manter as massas atreladas aos interesses das classes dominantes – por essa argumentação o autor critica Hélio Jaguaribe.

Um exemplo de publicação acadêmica recente em que o autor ainda se utiliza dos conceitos de populismo para caracterizar o período do governo Vargas é *Estado Populista e Democracia Eleitoral (2000)*¹⁶. No esquema interpretativo de Trindade, a democracia no Brasil dos anos 46-64 não era plena, ou melhor, a democracia não representava cidadania, pois a maioria da população era, por exemplo, analfabeta. Esse quadro favorecia a manipulação das massas pelas elites políticas.

Porém, mesmo hoje, com o quadro do analfabetismo invertido e uma maior participação eleitoral da população, os avanços da “democracia eleitoral” não se traduziram em melhorias de condições para a maioria das populações a ponto de afirmar que temos uma cidadania plena. A questão da manipulação das massas deve ser revisto pela nova historiografia do período. Seriam as massas meros fantoches nas mãos de políticos? Ou saberiam elas tirar proveito da única ferramenta que lhes proporcionava benefício?

Repensar nesse caso as relações de poder parece inevitável. Na “nova” história política, não há lugar para alinhamentos automáticos entre dominados e dominantes. Nesse sentido, “em certas circunstâncias, pode haver convergência de interesses entre dominantes e dominados, pode haver negociação, pode haver pacto político”.¹⁷

Uma questão que parece não ser levada em consideração pelos pesquisadores é se de fato, os líderes, os cidadãos e sua época, se referiam e se apropriaram do termo. Segundo Jorge Ferreira, *As palavras “populismo” e “populista”* não estavam

16 TRINDADE, Helgio. **Brasil em perspectiva : conservadorismo liberal e democracia bloqueada. Viagem incompleta : a experiência brasileira (1500-2000)**. São Paulo, SP: SENAC, 2000, v. , p. 349-380. No âmbito internacional, o historiador John Lukacs publicou recentemente (2005) o livro **DEMOCRACY AND POPULISM - FEAR & HATRED** ([YALE UNIVERSITY PRES](http://www.yale.edu/yupres/)), trabalhando o tema do populismo ao lado de outros conceitos como democracia, liberalismo, nacionalismo, fascismo, bolchevismo, nacional socialismo: “conceitos essenciais para o entendimento do século XX”.

17 Ver as análises de GOMES, Ângela de Castro. História, Historiografia e Cultura Política no Brasil: Algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel, BICALHO, M. F. B e GOUVÊA, M. (Orgs). **Culturas Políticas. Ensaio de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.



disponíveis no vocabulário político e na linguagem cotidiana do país na época do primeiro governo de Vargas.¹⁸

Nesse sentido, diferente dos dias que vivemos, *populismo* e *populista* não são conceitos, são palavras. Não possuem peso histórico. Para uma *história dos conceitos* é necessário estabelecer a distinção entre conceito e palavra assim como nos ensina Reinhart Koselleck.¹⁹

Hoje, o conceito é constantemente utilizado. Tem voz, tem eco. Tem, portanto, sentido histórico, apesar de não possuir teor explicativo único. Quer dizer, talvez, não ofereça ferramentas para um largo debate no campo das ciências políticas, mas possui grande teor pejorativo logo identificado como: demagogia, corrupção, paternalismo, clientelismo, fisiologismo, irresponsabilidade, irrealismo, clientelismo, irresponsabilidade e peleguismo.²⁰

Um dos problemas da utilização do conceito é de que sua utilização de forma banal pela mídia desqualifica o debate político e já injeta uma carga de preconceito contra quem assim está sendo chamado. Em recente livro (2005), no qual pretendem fazer uma biografia imparcial sobre Hugo Chávez, os jornalistas Cristina Marcano e Alberto Barrera Tyszka diferenciam o presidente venezuelano dos antigos líderes da América Latina, chamando-o de Neopopulista.²¹

Na conclusão do livro, os autores perguntam e sentenciam:

¿Quién es, en definitiva, Hugo Chavez? ¿Por donde va la historia de aquel niño, criado por su abuela en una casa de palma con suelo de tierra? ¿Es un verdadero revolucionario o un neopopulista pragmático? ¿Hasta donde llega su sensibilidad social y hasta donde alcanza su propia vanidad? ¿es un democrata que intenta construir un país sin exclusiones o un caudillo autoritario que ha secuestrado el

18 FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge (Org). **Op. cit.**, p. 111.

19 KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos Conceitos: Problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p.134-146.

20 REIS, Daniel Aarão. O Colapso do Colapso do Populismo. In: FERREIRA, Jorge, (Org) **Op. cit.**

21 Entretanto, em nenhum momento se tem referencia de qual é o significado do termo e com quem os autores estão dialogando. Sobre Neo-Populismo ver KNIGHT, Alan. Populism and Neo Populism in Latin América, especially México, **Journal of Latin American Studies**, v. 30, n.2, maio de 1998, p. 223-248.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

*Estado y las instituciones? (...) Sea el Chavez que sea, obsesivamente, siempre está deseando el poder. Más poder.*²²

Não irei aqui me alongar sobre Neo-populismo. Mal conseguimos identificar populismo, o que dirá Neo. Os historiadores e cientistas sociais possuem uma fórmula mágica para quando não conseguem explicar determinado assunto; recorrem frequentemente aos prefixos: Pré, Pós ou Neo. Não acredito que essa seja uma solução. A não ser que se bem defina Populismo e posteriormente um outro termo que seria o Neopopulismo. Mas não é o que ocorre.

Em se tratando de Perón, o historiador Félix Luna tem uma passagem interessante a respeito do líder argentino e a questão do populismo; acredita que os adjetivos em torno do ex-presidente Argentina são desnecessários a seu estudo e que a experiência do peronismo é única na história:

*Si bien se han escrito en el país y en el exterior un montón de libros, artículos, trabajos monográficos e investigaciones que intentan explicar, con mayor o menor acierto, qué fue el peronismo (...) Algunos hablan de populismo o tercermundismo; otros, de un sistema fascista atenuado o de un sistema propio de los países latinoamericanos(...) pero estas definiciones, útiles para los politicólogos no tienen mayor importancia para nosotros, a quienes nos importa ahora ir a las cosas concretas, para tratar de asediar de alguna manera a este experimento político original dentro de la historia Argentina que fue el peronismo.*²³

Para concluir, compartilho com Ernesto Laclau de que o populismo não recebeu tal qual outros *ismos*, como feudalismo, capitalismo, liberalismo, socialismo, entre outros, uma rigorosa análise teórica. Acredito ter feito uma contribuição ao mapeamento da história recente deste conceito, sobretudo no caso latino americano. Uma palavra de nosso dicionário político que aparece na Rússia no século XIX, e persiste até o presente momento em diferentes partes do mundo merece atenção.

O estudo acerca do termo pode ser fascinante devido às inúmeras possibilidades e usos da expressão. Entretanto, em minha opinião deveríamos rejeitar qualquer tentativa de homogeneização de sistemas, experiências e formas políticas, pois isso não enriquece a pesquisa acadêmica e não amplia o debate democrático. O problema é: que

22 MARCANO, Cristina e TYSZKA, A. **Hugo Chavez Sin Uniforme**. Buenos Aires: Debate, 2005.

23 LUNA, Felix. **Breve Historia de los Argentinos**. Buenos Aires: Planeta, 2002. Página 209.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

termo usar então? Acredito que como historiadores, cientistas sociais ou comunicólogos, devemos rever alguns conceitos e experiências históricas, e não ter medo de enfrentá-los e reescrevê-los se for preciso.

O fim do mundo bi-polar não trouxe a vitória e o apoio irrestrito ao sistema democrático liberal; ele ainda é questionado na maior parte do mundo. Na América Latina, o instituto Latinobarómetro²⁴ realizou pesquisa em 19 países da região e constatou que apenas 28% dos latino-americanos se dizem satisfeitos com a democracia.

A cultura política do populismo na América Latina merece mais atenção, estudos e pesquisas. Se trata de uma relação de poderes de média ou mesmo longa duração na história política de nossa região. Como ensina Falcon, “História e poder são como irmãos siameses – separá-los é difícil; olhar para um sem perceber a presença do outro é quase impossível”.²⁵ No caso da história latino-americana essas relações possuem permanências e descontinuidades por vezes muito pouco claras. Cabe a nós tentar distingui-las.

Não podemos acreditar, portanto, que, enquanto houver democracia, o populismo – suas práticas, seu estilo de governo – será sempre sua sombra negativa. Neste início de século XXI, o mundo ainda se redesenha. Faz-se necessário no caso de nosso continente uma análise rigorosa sobre os fenômenos políticos recentes. Chavez, Morales, Ortega e Correa, apesar das especificidades de cada um, não podem ser vistos como meros líderes autoritários retrógrados. Chamá-los de populistas ou neopopulistas, como já vimos, impede o entendimento do processo histórico. Sejam o que for, a história do tempo presente deve estudá-los.

Bibliografia:

- CAPELATO, Maria H.R. In: FERREIRA, Jorge (Org). **O Populismo e sua história. Debate e crítica.** Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 2001
- FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

24 Conferir

o

site:

www.latinobarometro.org/fileadmin/intranet/Informe_Latinobarometro_2006.pdf

25 FALCON, Francisco. História e Poder. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Domínios da História.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.



VEREDAS DA HISTÓRIA

2º Semestre de 2011

Ano IV - Ed. 2 - 2011

www.veredasdahistoria.com

ISSN 1982-4238

- FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, Jorge. (Org) **O Populismo e sua história – debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GOMES, Ângela de Castro. O Populismo e as Ciências Sociais no Brasil: Notas sobre a trajetória de um conceito. In: FERREIRA, Jorge. (Org) **O Populismo e sua história – debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- GOMES, Ângela de Castro. História, Historiografia e Cultura Política no Brasil: Algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel, BICALHO, M. F. B e GOUVÊA, M. (Orgs). **Culturas Políticas. Ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- HILL, Christopher. Lênin e a Revolução Russa. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1967.
- IANNI, Octavio. O Colapso do Populismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- KNIGHT, Alan. Populism and Neo Populism in Latin América, especially México, **Journal of Latin American Studies**, v. 30, n.2, maio de 1998.
- KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos Conceitos: Problemas teóricos e práticos. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p.134-146.
- LUKACS, John. **Democracy and populism – fear & hatred**. Yale University Press, 2005
- LUNA, Felix. **Breve Historia de los Argentinos**. Buenos Aires: Planeta, 2002. Página 209.
- MARCANO, Cristina e TYSZKA, A. **Hugo Chavez Sin Uniforme**. Buenos Aires: Debate, 2005.
- PRADO, Maria Ligia. **O Populismo na América Latina. (Argentina e México)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- REIS, Daniel Aarão. O Colapso do Colapso do Populismo. In: FERREIRA, Jorge. (Org) **O Populismo e sua história – debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- TRINDADE, Hélgio. Estado Populista e Democracia Eleitoral. In: MOTA, Carlos. **Viagem Incompleta – A grande transação**. São Paulo: Senac, 2000.
- WEFFORT, Francisco. **O Populismo na Política Brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

Internet:

"Religião e mídia são a base de neopopulismo", copyright **Folha de S. Paulo**, 07/04/02.

Agência EFE 12/07/2007 - 01h39 - Atualizado em 12/07/2007 - 03h50.

Edição Mensal Le Monde Diplomatique – Fevereiro de 2004.

Latino

Barômetro:

www.latinobarometro.org/

fileadmin/

intranet/Informe_Latinobarometro_2006.pdf

www.veredasdahistoria.com